

## **METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM BASEADA NOS PROBLEMAS: UMA PROPOSTA DE ENSINO DA PRÁTICA EM EDUCAÇÃO SOCIAL**

Rita de Cássia Alves Horta  
Bolsaira Fundação Calouste Gulbenkian  
Escola Superior de Educação de Torres Novas  
rcalves@gmail.com

### **Resumo**

No momento histórico em que se vive, em plena transição de mudança paradigmática de ciência e da educação, a produção do saber nas diversas áreas do conhecimento demanda acções que levem o professor e o aluno a buscar processo de investigação e pesquisa. Ressalta-se a importância da metodologia de Aprendizagem baseada em problemas, pois, dentro outros caminhos, ela permite o estabelecimento de um projecto pedagógico que contemple problemas relevantes para gerar processo de interconexão entre as aprendizagens envolvendo o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a ser e o aprender a conviver, elementos essenciais para o ensino superior em Educação Social.

### **Introdução**

A docência é uma actividade complexa. Só quando for reconhecida esta complexidade poderemos avançar em processos de qualificação mais efectivos.

A Metodologia de Aprendizagens baseada em problemas é um contributo significativo ensino superior em Educação Social pois, a partir desta pratica pedagógica confiamos à produção de conhecimento, à formação da cidadania para a transformação da sociedade. A urgência em superar a prática pedagógica conservadora caracterizada pelo paradigma newton -cartesiano leva a procurar caminhos que possibilitem uma acção docente que permita a reflexão crítica – transformadora, dimensões essenciais para o futuro Educador Social desenvolver a sua prática profissional.

### **A problematização como procedimento nas metodologias de ensino voltadas produção de conhecimento.**

A aprendizagem Baseada nos Problemas não é uma proposta nova, pois os gregos já utilizavam esse procedimento. Destaca-se Sócrates (469-399 a. C), que, a seu tempo, lançou mão da *educação problematizadora* ao propor a maiêutica, coma a finalidade de problematizar a realizada, para fazer nascerem ideias a partir do problema, da proposição do diálogo com o interlocutor e da prática de perguntas questionadoras em busca de possíveis repostas que levassem à aprendizagem. Assim, procura-se apontar algumas metodologias que acolhem como centro norteador a problematização.

A relação dialógica entre os alunos e professor e a problematização caracterizam a educação *problematizadora* proposta por Paulo Freire, na década de 1960, que desafiou os docentes a reconstruir suas práticas educativas de maneira crítica e reflexiva. Freire (1975:146), na obra *Pedagogia do oprimido*, já apontava a problematização como caminho metodológico: “a tarefa do educador dialógico e, trabalhando em equipa, interdisciplinar, este universo temático, recolhido na investigação, devolvê-lo, como problema, não como dissertação, aos homens de quem recebeu”.

E com sabedoria, complementa:

A educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante acto de desvelamento da realidade. Quanto mais problematizam, os educandos, como seres humanos no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. E quanto mais desafiados, mais obrigados a responder o desafio, e desafiados eles vão compreender o desafio da própria acção de captar o desafio. E precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com os outros num plano de totalidade, não como algo já petrificado, algo já definido, a compreensão tende a tornar-se conscientemente crítica e por isso cada vez mais desalienada. (Freire, 1975: 80)

Os educadores que recorrem à problematização como procedimento pedagógico a aprendizagem dos alunos, e, ao mesmo tempo, sentem-se motivados a continuar a aprender. A problematização instiga questionar o conhecimento na sua totalidade, pois ele é posto em movimento para a solução de problemas sistémicos. O questionamento crítico aparece em diversas metodologias que têm como foco questões problematizadoras.

A *Metodologia do PBL – Problem Based Learning*, baseada em problemas, surgiu no curso de Medicina da Universidade de MacMaster, em 1969, no Canadá. Na proposição de Venturelli (1997), Mamede e Penaforte (2001), o *PBL* trouxe em seu bojo a tentativa de superar a proposição do currículo linear centrado nas especialidades, recomendado por Flexner, que caracterizou os cursos médicos em todo mundo desde o início do século XX. O modelo *Flexneriano* entrou em crise quando surgiu o paradigma da complexidade, que passou a alertar que o ser humano precisa ser compreendido na sua totalidade, e não como uma parte isolada. A crítica pós-moderna tem demonstrado sua desilusão com a focalização restrita à especialização e ao processo de racionalização instalada nesses dois últimos séculos no ensino médico. A visão fragmentada e a especificidade não têm dado conta da realidade que se apresenta aos profissionais em suas acções entre a população.

Implantado nos anos 1970, o *PBL* apoiou-se inicialmente numa metodologia com forte visão técnica instrucional, característica da abordagem pedagógica da época. Porém, o que diferenciou o *PBL* de outras iniciativas metodológicas dessa década foi a forte tendência em

humanizar a formação médica, especialmente pela preocupação ética no relacionamento médico - paciente. A relevância que essa metodologia assumiu em todo o mundo reside na conexão entre o preparo técnico, a humanização e o posicionamento ético.

Voltado inicialmente para o curso de Medicina, o PBL hoje, segundo Masetto (2004), tem sido utilizado nos cursos de Direito, Enfermagem, Medicina Dentária, Engenharia. Mas não se conhecem experiências de seu uso em Educação. No entanto, as características que envolvem essa metodologia propiciam desdobramentos na educação ou em qualquer área do conhecimento, pois parece consenso entre os educadores que o ensino aprendizagem são desencadeados por meio da problematização, do espírito de investigação e da formação para a pesquisa.

No ensino superior em Educação Social a metodologia do PBL empreende a investigação, a sistematização e a produção de conhecimentos dos alunos, conduzindo à aprendizagens por meio de acções que provocam a reflexão e a discussão colectiva com os colegas e com o professor. Esse processo metodológico exige preparo tanto dos alunos como do professor para procurar a resolução dos problemas. As discussões nas sessões colectivas têm como foco a apresentação das pesquisas e das possíveis soluções encaminhadas pelos alunos para a problemática. A implantação dessa metodologia dependeria da mudança e da reestruturação de todo conteúdo, do programa de cadeira e, principalmente da postura do professor pois o ponto central do PBL é ultrapassar a visão reducionista e disciplinar da aprendizagem.

### **Pontos Norteadores da Metodologia da Aprendizagem Baseada em Problemas no ensino superior em Educação Social**

O foco central da Metodologia da aprendizagem Baseada em Problemas envolve a proposição de questionamentos advindos de situações retiradas do quotidiano, que são construídos com o intuito de provocar os alunos para que acessem referenciais teóricos e práticos que permitam a discussão, a reflexão e a aprendizagem da prática em Educação Social. Nesse sentido, Masetto (2004: 182-3) reforça que no paradigma inovador há necessidade de propor problemas para aprender:

Como o próprio nome do paradigma está dizendo, ocupa um lugar central o PROBLEMA, que é a descrição feita pelo professor de um fenómeno da realidade, que deve ser explicado pelos estudantes em termos de processos e princípios subjacentes. O problema é apresentado sem informações anteriores para sua explicação. O problema é o ponto de partida do processo de aprendizagem. Como o problema deve ser abordado, é atividade do estudante que explicita os objetivos a serem apreendidos, a seleção dos meios e como verificará a aprendizagem.

O desafio da Metodologia da Aprendizagem Baseada em Problemas centra-se na criação da independência e autonomia do estudante, já no início do programa da cadeira, para o enfrentamento e a investigação do problema com os quais irá deparar como pessoas e como profissional ao longo de sua vida. Outra característica marcante nessa metodologia é a de que, por meio dos problemas práticos dos educadores sociais, nas instituições sociais ou em relatos de pesquisa entre outros, os alunos são desafiados a pesquisar referenciais também teóricos - práticos além da sala de aula, ou seja, nas bibliotecas, com os profissionais da sociedade, na rede informatizada, apenas para citar algumas das possibilidades de consulta.

Nessa metodologia, o aluno, em todos os níveis de ensino, especialmente na educação superior, passa a ser provocado a frequentar os ambientes de sua área de conhecimento desde os primeiros anos dos cursos. Essa atitude educativa tem o intuito de envolvê-lo nas problemáticas apontadas, instigando a aproximação da realidade e a geração da necessidade de aprofundamento teórico-prático.

Nessa metodologia, o professor, com o intuito de abranger os conteúdos propositadamente interligados, propõe os problemas a serem investigados. O questionamento provoca a necessidade de interconexão dos saberes advindos das diversas cadeiras, permitindo, assim, a tentativa de visão do todo, com vistas a superar a divisão linear colocadas nos currículos conservadores. Daí a possibilidade de propor o ensino e a aprendizagem baseados em problemas em diversas cadeiras integradas que pensam juntos os problemas a serem investigados para a formação do Educador Social. Cabe ressaltar que a possibilidade de envolver outros professores não impede que o professor adote essa metodologia, pois a Aprendizagem Baseada em Problemas pode ser desenvolvida na sua própria cadeira.

### **As fases propostas a serem vivenciadas na Metodologia da Aprendizagem Baseada em Problemas no ensino superior em Educação Social.**

Em termos de paradigma da complexidade, a Metodologia de aprendizagem Baseada em Problemas permite a busca de pluralidade de visões, abordagens, caminhos e respostas, aspectos que considera-se imprescindível ao Educador Social no desenvolvimento de suas competências. Esse processo exige que o aluno tenha discernimento para escolher as possíveis soluções para as problemáticas levantadas. Essa metodologia propicia progressivamente ao aluno, desvelar, manifestar e investigar os conhecimentos que auxiliem na compreensão proposta numa visão crítica e reflexivo, à formação de valores éticos e solidários pressupõe o envolvimento com esse projecto e a responsabilidade por provocar vivência com participação democrática. Nesse sentido, essa metodologia representa uma perspectiva pedagógica relevante, pois trabalhar

partindo de problemas significa possibilitar novas actividades e novas maneiras de acessar e produzir conhecimento e, assim, aprender a aprender.

Os procedimentos sugeridos para desenvolver a Metodologia de Aprendizagem Baseada em Problemas não esgotam nem pretendem ser engessamento na criatividade docente, mas servem como acções didácticas que podem ser consideradas no processo. As etapas e as fases devem ser adequadas à realidade de cada cadeira e à opção de cada professor. Não existe regra rígida nem impedimento para alterar a ordem apresentada, pois o docente tem competência de criticidade para resolver como será proposta a metodologia em sala de aula. De acordo com a necessidade da problematização e da acção didáctica, as fases são momentos propostos a título de sugestão e da experiência da autora.

A luz do paradigma emergente e uma metodologia de aprendizagem colaborativa, apresenta-se as fases para a Metodologia de aprendizagem Baseada nos problemas. São elas:

1ª Fase envolve o processo de iniciação, que se desdobra em:

Escolha da temática;

Criação da proposta por meio da elaboração do contracto didáctico;

Contextualização;

Problematização;

Aulas teóricas exploratórias.

2ª Fase envolve a pesquisa e o desenvolvimento, que se desdobram em:

Pesquisa individual;

Produção individual;

Discussão colectiva e crítica;

Produção colectiva.

3ª Fase envolve avaliação contínua da aprendizagem e do processo, que se desdobram em:

Processo de aprendizagem individual e em grupo;

Produção final do grupo;

Avaliação do processo com o levantamento de impressões e das contribuições dos alunos e o acolhimento das sugestões para o novo processo de aprendizagem.

A primeira fase, o processo de iniciação ou escolha temática é uma fase importante da Metodologia de Aprendizagem Baseada em Problemas, pois impõe que o professor tenha competência para eleger os conhecimentos que os alunos precisam aprender naquele período do processo de formação em Educação Social. O discernimento do professor na escolha depende da sua leitura e da pesquisa que desenvolve em sua cadeira e, não menos importante, o interesse dos alunos. A escolha do tema leva à proposição da problematização.

A *criação da proposta por meio da elaboração do contracto didáctico* permite que o professor exponha sua proposta metodológica para os alunos. Esta apresenta as fases que compõem o processo de aprendizagem e que serão discutidas pelos alunos. Neste momento inicial, os alunos têm acesso ao contracto didáctico, que envolve: a) a apresentação da temática (conteúdos envolvidos na proposta de problematização); b) a exposição de habilidades e competências que serão desenvolvidas; c) exibição do cronograma de actividades; d) a descrição das fases que compõem a metodologia e a indicação dos meios e dos recursos que subsidiam o processo; e) a proposta de avaliação contínua com a descrição dos critérios; f) as indicações da bibliografia, de *linkografia* e de outros recursos para acessar informações que apontem caminhos para o levantamento de possíveis soluções para a problematização.

A *contextualização* é uma fase de real importância, pois objectiva apresentar a temática de maneira mais ampla, envolvendo os factores pedagógicos, sociais, históricos, económicos, culturais, entre outros. O aluno precisa se inserir desde o momento inicial na proposição da contextualização, para reflectir por que ele vai trabalhar com aqueles conhecimentos, para que eles servem e a quem eles servem. Nessa fase, o conhecimento é visto em sua totalidade e precisa ser focado com base na localização histórica da sua produção. São momentos iniciais de reflexão conjunta, quando o professor tem o papel de instigar seus alunos a caminhar juntos no processo de produção de conhecimento significativo e relevante.

A *problematização* faz com que o professor elabore questionamentos pertinentes e significativos sobre a temática proposta. A problematização é colocada como provocação para estimular os alunos na procura das possíveis soluções. O início de um processo metodológico que contemple a problematização implica a proposição de problemas mais gerais ou mais específicos, focados em uma única temática ou que demandem a interconexão de vários temas de estudo aprendizagem. Não há certezas absolutas, respostas predeterminadas, nem soluções prescritivas ou indicadas por um único autor, portanto não se restringe à consulta e ao uso de um único livro ou referência bibliográfica.

Como participe da sociedade, o aluno está sempre envolvido com problematizações que requerem seu discernimento, sua actuação, sua rapidez de raciocínio, sua autonomia para tomar decisões. Nesse contexto, o docente engendra problemas que se aproximem da realidade quotidiana, com o intuito de que o aluno possa ser instrumentalizado para resolver questões relevantes e significativas que se apresentam diariamente em sua vida. Ao lado disso, e indo além, o docente procura investigar problemas que tornem os alunos competentes para modificar a realidade que os circunda com vistas a transformar a sociedade.

As *aulas teóricas exploratórias* subsidiam a resolução da problematização com a apresentação dos referenciais teóricos - práticos que dêem suporte para buscar soluções possíveis. A

experiencia vivenciada pelo uso da Metodologia de Aprendizagem Baseada em Problemas aponta para a necessidade de propor aos alunos algumas aulas teóricas introdutórias e exploratórias para localizar a temática. As aulas expositivas dialogadas têm a finalidade de criar pontos-chave que envolvem a temática, com itens orientadores a serem pesquisados. Essa metodologia não se propõe a lançar um problema e deixar a mediação do professor no processo. O problema tem um objecto a ser pesquisado e uma proposição de conhecimento a ser produzido.

As *aulas exploratórias* não devem ultrapassar os momentos iniciais, pois têm a função de instigar os alunos a pesquisar nos mais variados recursos. Para enriquecer o processo de investigação e produção do conhecimento, devem levar em consideração a necessidade de compartilhar as informações encontradas. Assim, restringem-se a dois ou três encontros e podem ser oferecidas nos momentos em que o docente sentir que os alunos estão precisando de encaminhamento na pesquisa. Essa fase não se limita a repassar conteúdos, mas centra-se em problematizá-los para que os alunos sejam provocados para a pesquisa individual do problema e saibam como localizar os conteúdos nas variadas fontes de informação.

A segunda etapa, denominada *pesquisa e desenvolvimento*, inicia-se com a *pesquisa individual* a partir do levantamento do problema o que leva os alunos a procurar contribuições para a pesquisa em sala de aula. O docente articulador do processo pedagógico estimula os alunos a procurar e colher as informações nas mais variadas fontes. Nessa fase, o aluno investiga os referenciais, ciente de que a elaboração da pesquisa tem a finalidade a possibilitar o compartilhamento dos conteúdos encontrados com os colegas.

O aluno como pesquisador investiga nos recursos bibliográficos e informatizados disponíveis para levantar as informações requeridas pela problematização. Recomenda-se, quando for possível, a utilização do laboratório de informática, de livros, de periódicos, *CD-ROMs*, jornais, fitas de vídeos, *DVDs*, filmes, etc. A *WEB (Web-based educacion)* pode ser utilizada por meio de correio electrónico, dos chats, dos fóruns, das *home pages* e das mensagens por e-mail. É bom lembrar que as dificuldades de acesso aos recursos informatizados na escola (computador e internet) não impedem o sucesso da metodologia. A consulta à rede informatizada pode ser realizada na casa dos alunos ou nos espaços disponíveis na comunidade. Assim, os alunos com atitude de parceria podem imprimir suas pesquisas e torná-las disponíveis aos colegas em sala de aula.

A pesquisa pode ser realizada com a ajuda dos livros da biblioteca da universidade, das obras dispostas pelo professor e também daquelas que os alunos trouxeram para a sala de aula. O aluno precisa ultrapassar a consulta restrita apenas ao livro - texto adoptado pelo professor. O exercício de procurar outros autores – outras visões – permite construir comparações e realizar a

análise das contribuições relevantes para subsidiar a pesquisa que tem por base o problema levantado.

A pesquisa leva os alunos a procurar sua aprendizagem acolhendo variados recursos, exercendo sua autonomia, praticando a liberdade com responsabilidade. A contribuição de cada aluno será importante para o grupo e para a qualidade de sua aprendizagem e da de seus colegas.

A *produção individual* é realizada a partir da proposição do problema é realizada a partir da proposição do problema. Os alunos são convidados a elaborar uma produção de texto individual. Podem emprestar material colectado, uns dos outros. O empréstimo é recomendado, embora, nesta fase, cada estudante seja desafiado a produzir individualmente o texto. Como os alunos não estão acostumados a escrever com autonomia, devem ser auxiliados pelo professor, para que não incorram na pesquisa copiada, repetitiva e sem significado. O texto a ser produzido, nesse momento, ainda pode apresentar uma qualidade questionável. Os alunos são estimulados a realizar um texto crítico e reflexivo com base nos dados e informações que trouxeram para a sala de aula. O professor, por sua vez, como mediador entre o saber elaborado e a produção individual do aluno, encoraja os estudantes para que sejam criativos, críticos e competentes.

Nesse processo de produção individual do texto, o aluno aprende a pensar, a posicionar-se perante os dados levantados, a expressar-se com criticidade, registando por escrito sua caminhada de investigador. Nesse momento, não se trata de escrever qualquer coisa, mas de estruturar a produção do texto individual com base nas possíveis soluções para a problematização. O texto envolve elaboração própria e deve ser entregue num primeiro momento para a avaliação do professor; este tanto poderá liberá-lo como devolvê-lo para que o aluno refaça ou realize alguma complementação que possa auxiliar na busca das possíveis soluções do problema.

Na fase de *discussão colectiva e crítica*, o professor desafia os alunos a argumentar e defender suas ideias a partir do problema pesquisado e da produção do texto individual. Os alunos terão a oportunidade de discutir, reflectir, comparar as obras pesquisadas, discordar, com respeito, da pesquisa realizada pelos colegas. O professor, como mediador do processo, instiga a discussão de todos os alunos para que saibam argumentar e acreditar em suas produções. Nessa fase, o aluno tem a oportunidade de começar a desenvolver sua qualidade política. Ao manifestar-se, o aluno defende suas ideias sem incorrer numa sessão de competitividade, pois a finalidade da discussão crítica reflexiva é criar espaços para analisar os conhecimentos que levam à aprendizagem e reflectir sobre eles.

A fase da discussão crítica tem como objecto principal a aproximação da teoria e da prática, aliada à possibilidade de abrir perspectivas para que o professor e o aluno possam ser agentes de



intervenção na realidade concreta que se apresenta na comunidade. O aluno começa a aprender que ser investigador transcende a produção escrita e demanda acções efectivas para transformar a sociedade (Behrens 2005). A valorização do posicionamento crítico do aluno instiga a superação do senso comum, e, fundamentado em sua própria elaboração, ele tem condições de ser dinâmico e participante no processo. A preocupação de provocar o aluno para a competência na reflexão crítica e criativa não está restrita ao processo pedagógico, mas ao desenvolvimento desse aluno como cidadão na busca da qualidade política para intervenção na sociedade.

Na fase da produção de texto colectivo, recomenda-se a composição dos grupos de três ou no máximo quatro alunos, para que haja uma contribuição significativa. Nessa etapa, os alunos têm oportunidade de discutir suas produções e alicerçar um texto em conjunto. O professor como investigador junta-se aos alunos e presta atendimento ao grupo, para que os pontos convergentes e divergentes se tornem as referências para a produção de texto crítico e de qualidade (Behrens 2005). Nesse processo, os alunos aprendem a elaborar produção própria e a defender suas ideias e suas pesquisas. Assim, as composições dos textos dos alunos com seus companheiros provocam as produções colectivas, que acolhem os conteúdos significativos que foram pesquisados e discutidos para responder à problematização. O equilíbrio entre o trabalho individual e o colectivo é observado pelo professor por dois motivos significativos: o estímulo individual dos alunos para buscar os referenciais necessários para a pesquisa e o enfoque na valorização do esforço do aluno perante os colegas. Não se trata de instalar a competitividade, mas de valorizar o envolvimento e a competência na investigação desencadeada pelo aluno. Nesse contexto, o professor, como mediador, acolhe as contribuições dos alunos, sem estigmatizar as melhores ou piores; valoriza o sucesso individual e enfoca a qualidade do conjunto de produções do grupo.

A terceira etapa trata-se da *Avaliação contínua da aprendizagem*.

A metodologia da ABP prevê a avaliação como processo contínuo e articulado que se desencadeia desde o início da proposta. A avaliação cumulativa é apresentada aos alunos por meio do contrato didáctico, com o estabelecimento dos critérios e com a descrição clara das exigências da aprendizagem ao longo do processo.

A avaliação do processo de aprendizagem individual e do grupo está a serviço da produção do conhecimento, da harmonia, da conciliação, da aceitação dos diferentes, tendo como premissa uma melhor qualidade de vida. A proposta de avaliação é a que permite integrar processo e produto. Respeita o aluno como pessoa, contemplando suas inteligências múltiplas, com seus limites e suas qualidades. Os estudantes terão claras as expectativas de cada momento e deverão se envolver com responsabilidade e competência. Se o professor perceber que há alunos que não

estão participando do processo, precisa alertá-los, discutir com eles a situação e abrir o diálogo para que eles acompanhem a proposição feita com o grupo.

A avaliação da produção final do grupo é o coroamento da metodologia da ABP, pois é importante que o professor permita que os alunos escolham, desde o início do processo, a maneira como gostariam de realizar essa etapa. As experiências vivenciadas apontam algumas possibilidades, como:

Exposições didáticas em sala de aula dos textos individuais e colectivos produzidos;

Montagem de painel na sala ou no espaço da escola sobre a temática;

Encenação criada e produzida pelos alunos mediada pelo professor;

Organização de evento envolvendo a comunidade sobre os referenciais pesquisados;

Proposição de montagem de um jornal com divulgação de textos e ilustrações produzidos pelos alunos;

Organização de revista ou periódico académico com os textos dos alunos;

Criação da possibilidade de publicar as produções do grupo;

Criação e produção de vídeo pelos alunos buscando colectivizar o avanço do grupo com comunidade académica, entre outros (Behrens 2005)

A avaliação do processo envolve o levantamento das impressões e das contribuições dos alunos e o acolhimento das sugestões para o novo processo de aprendizagem. Convém incluir na fase final a avaliação da metodologia e do processo, para que os alunos possam se manifestar sobre as fases propostas e sugerir possibilidades para a produção de uma nova problematização. Os alunos devem se manifestar sobre as actividades propostas com o intuito de melhorá-las ou mantê-las. Nessa fase, seus depoimentos tornam-se relevantes e significativos, pois possibilitam ao professor ser reflexivo sobre sua prática pedagógica e estimulam um processo contínuo de reflexão na acção e sobre a acção pedagógica.

Na Metodologia de Aprendizagem Baseada em Problemas e o aluno produz saberes com criticidade para se tornar uma pessoa, um cidadão e um profissional que actue na transformação da sociedade com uma atitude ética e fraterna.

Nesse contexto, o processo educativo pode ser relevante, significativo, produtivo e transformador. Na busca de inovações e de processo que envolvam a criatividade, os alunos e os professores respondem às problematizações emergentes, atendendo às propostas geradas pelos impactos do momento histórico com perspectiva de um futuro melhor para si mesmos e para sua comunidade. Afinal, depende da aprendizagem dos homens e das mulheres a construção de um mundo melhor, mais fraterna e igualitário.

### **Referencias Bibliográficas.**

Berens, Marilda A. (2005) *Docência Universitária na sociedade do conhecimento*. Curitiba, Champagnat.

Berbel, Neusi Navas (2001) *Conhecer e intervir: o desafio da metodologia da problematização*. Londrina, Editora UEL.

Santos, Boaventura S. (1987) *Um discurso sobre as ciências*. Porto, Afrontamento.

Freire, Paulo. (1975) *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Mamede, Silvia e Penaforte, Julio (orgs) (2000) *Cultura visual, mudança educativa e projecto de trabalho*. Porto Alegre, Artmed.

Venturelli, José (1997) *Educación Médica: Nuevos enfoques, metas y métodos*. Washington, DC, Escritório Regional da OMS.

Zabala, Antoni (2002) *Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar*. Porto Alegre, Artmed.